

ABBONDANZA.

Di Cesare Ripa.



Uma leitura em versos de “Amor à vida” de  
Eric Fromm

Andréa Lisly Gonçalves

Uma leitura em versos de “Amor à vida” de Eric Fromm

artear

Copyright ©by Andréa Lisly

Capa: *Abbondanza*, de Cesare Ripa (1560?-1625)

Para Jane Amélia

## **Sumário**

Prefácio.....	I
Breve apresentação.....	II

### **Parte 1 — Abundância e superabundância**

Meu aniversário com “Amor à vida” .....	1
As datas exatas, as efemérides.....	2
Não quero morrer antes de começar a viver.....	3
Palavra falada.....	5
Ouvir é memória.....	6
Quem sabe viver antes de morrer.....	7
A sabedoria maior .....	8
Matriarcado.....	9
Abundância.....	10

### **Parte 2 – Atividade e passividade**

Há algo mais infrene que a paixão?.....	11
Grundrisse.....	12
Fromm e as fotos de viagem.....	13
Somos eu e meus delitos.....	15
Agressão.....	16
O erro de Thomas Hobbes.....	17
As mulheres lutam.....	18
Antes da catástrofe.....	19
As boas obras.....	20
Os sentidos e a consciência de saúde.....	21

Em um processo de autoria e inovação na “tradução” do livro para versos, Andréa adentra o espaço “entre” em “Do amor à vida”. As linhas do livro projetam-se em um ambiente multidimensional navegável através do tempo e espaço com o leme de seus versos. Sua “leitura em versos” é a manifestação viva de sua atividade – a expressão de seus poderes de criação.

★ Breve apresentação

Pandemia e amor à vida

Por que reler o *Amor à vida*, de Eric Fromm, exatamente no início da segunda década do século XXI, em um tempo em que a consolidação do capitalismo, em sua fase neoliberal, se conjuga à maior crise sanitária mundial dos últimos cem anos? Uma das respostas, sem dúvida, é a de que o seu autor foi capaz de abordar as questões essenciais do que se pode chamar a “condição humana”. Que forneceu orientações seguras para desafios universais, guiando-nos em um contexto no qual o grau de incerteza parece se igualar àqueles mais terríveis, enfrentados por homens e mulheres, desde os períodos mais remotos da história. A leitura se torna ainda mais imperativa quando nos encontramos no pior país do mundo para se viver uma pandemia como a do coronavírus: o Brasil. Aqui impera o negacionismo. Nesta parte da América do sul, a opção institucional da mais alta autoridade da nação se deu pela necrofilia, pelo descaso perante a morte de sua própria população, dos doentes de covid às minorias sociais dizimadas pela miséria, pelo pré-conceito e pela violência policial. Um sistema de governo que atingiu o que Paul Virilio designou como *estado suicidário*, que admite a sua própria destruição se assim for necessário para o extermínio daquele que é considerado “o inimigo”. Que ecoa as palavras ditas por Adolf Hitler: “se a guerra está perdida, que a nação pereça.”. A obra de Fromm é mais que necessária: é obrigatória. Talvez sua qualidade suprema seja exatamente a de fornecer as indicações mais seguras para que a vida e a civilização se preservem mesmo nas circunstâncias mais extremas. Isso porque o livro contém em sua explicação do significado da *biofilia* a orientação para o seu próprio exercício. A principal delas, talvez, a que diz respeito ao *ato de criação*. De acordo com Eric Fromm, o *ato de criação*, o desenvolvimento de nossas capacidades, produzem, por si mesmo, a alegria da vontade de viver, a superação da passividade, essa última forte aliada dos regimes totalitários em sua sanha de destruição. A “prova dos nove” da formulação de Fromm está na experiência da felicidade que experimentei ao realizar uma leitura em versos de seu livro. Para mim essa atividade criadora funciona como

antídoto antinecrofilia em um mundo exaurido pelo neoliberalismo e, como se fosse pouco, em luta contra o avanço da extrema direita nos quatro cantos do mundo. Amar a vida é resistir.

## Parte 1 — Abundância

◆ Meu aniversário com “Amor à vida”

*“a vida consiste em volver a nacer continuamente”.* Eric Fromm

Não falarei à rádio  
Nem um comentário  
Ouvirei bem atenta  
O que me dizem  
Os arautos verdadeiros  
Mensajeiros todos  
Ídolos passarão nas  
Mais brancas nuvens  
Santas imprecações  
Sairão do coração  
Que na sexta década  
Tornará a nascer e há  
De se confirmar poeta.  
Que dos tempos idos  
Desaparecida a vaidade  
Que só nessa idade  
Dispensa a necessidade  
E desperta a vontade

O avesso da insanidade  
A que se supõe normal

♣ As datas exatas, as efemérides

As datas exatas, as efemérides  
Importam? Momentos de exegese  
De uma vida em cumprimento  
De momentos escolhidos ao acaso  
*Face to face* com o abismo do ocaso  
Afasto as sentimentalidades típicas  
Talvez de uma idade avançada  
Mas em que? Contam-se os retrocessos  
Os acessos de bile e de descrença?  
As doenças, as certezas, as passividades?  
Se sim, não se avança na idade: retrocede-se

▼ Não quero morrer antes de começar a viver

*La tragedia, sin embargo, es que la mayoría de nosotros  
morimos antes de haber comenzado a vivir.*

Não quero morrer antes de começar a viver  
De repente vive-se ou se alcança o aprendizado?  
Quantos anos serão necessários de aniversário  
Em aniversário! Ou não se mede pela régua  
Dos dias? aprendizes somos do necessário  
Nascer e renascer, no início o verbo, a carne  
A vida em estado bruto, lapidado sem que

As arestas se eliminem, já que o nunca é tarde

◆ Palavra falada

*“Fromm prefería la palabra hablada,  
dirigirse a alguien, hablar a alguien”.*

A oralidade dessa minha língua  
Inquieta. Das palavras que  
Ressoam sozinhas em linhas  
Imaginárias, garatujas vivas  
Rejeitadas pelo papel  
Impresso e acatadas pela  
Trama que me coube  
Inscrever nesse drama  
e comédia de um tempo que  
sem remédio, é longo e curto

♣ Ouvir é memória

*Fromm: “era tan bueno como hablante  
porque era tan bueno como oyente”.*

Ouvir é memória  
Atenta expressão  
Do que foi dito  
A nós, em nós  
A vida se escreve.

▼ Quem sabe viver antes de morrer

*“el escritor y el hombre eran una y la misma persona”  
“Su voz era el cuerpo de su lenguaje”*

*“Topava era tristeza — isto é, falta  
de continuação.” J.G.R*

Quem sabe viver antes de morrer  
Seja exatamente fazer coincidir  
O que se é com o que se fez?  
De seres divididos tornarmo-nos  
Unos. Vida e obra, corpo e alma

#### ♣ A sabedoria maior

A sabedoria maior é alcançar  
a façanha de atar os nós  
dos próprios sapatos, traçar  
os rumos, pegadas. Da minha parte,  
não raro, amarro um cadarço  
no outro ou deixo-os desatados e o  
resultado é o eminente tombo.  
Meu andar cambaio, adia  
Claudicante, certos instantes.  
Consulto os sábios, as videntes,  
os mais influentes, toda a gente  
Não para desfazer a infeliz  
tramoia de laços de sapatos  
malfeitos. De jeito que, suspeito,  
voltarei ao começo, à infância,  
ao momento em que a façanha  
de enlaçar uma ponta à outra se  
alcançou. Qual mágica de pés livres

porque descalços, a salvo de tantas  
formas. Édipo ao meu modo, pés  
pequenos, traçado aberto, itinerante  
Um retirante, em fuga, planta do pé  
Um projeto de árvores frondosas

#### ◆ Matriarcado

*“En esta sociedad neolítica reinaba [...] una forma democrática  
muy genuina de vida [...], con un rol muchísimo  
más fuerte de la mujer y de la madre”*

Cozinhar o alimento exige  
um contravento. Ergueram-se  
paredes, templos, confinamento  
A tal ponto que se apagou  
por completo o registro de  
Que, em pleno neolítico,  
A revolução, a descoberta  
Coube às mulheres: plantar  
Grão e amanhar o chão, à pá  
Origem do *paraíso terreal*:  
“Em se plantando tudo dá”

#### ☀ Abundância

Abundante era a maçã na infância  
Rara na saúde e infalível na doença  
O queijo também em profusão  
Umas tantas fatias, meia por pão

A reger toda essa riqueza, farta mesa  
Minha mãe. Os filhos saciados

## Parte 2 – Atividade e passividade

♠ Há algo mais infrene que a paixão?

*La «actividad» como mera reacción a um estímulo  
o como ser impulsado, en la forma de una  
pasión, es en el fondo una pasividad*

Há algo mais infrene que a paixão?  
A amorosa, então, provoca a própria  
Fissão nuclear. Como podem nossos  
Sentidos nos enganar tanto? Somos  
Tão supostamente animosos, inimigos  
Do que não é excitação, irrequietos  
Estado constante de delirium tremes  
Tudo é símile daquilo que se supõe ativo  
Com ar altivo, sequer desconfiamos,  
Que exaltamos apenas o que é passivo

♣ Grundrisse

*«Si presuponemos al hombre como hombre y a su conducta respecto del mundo como una conducta humana, sólo podremos cambiar amor por amor, confianza por confianza» Karl Marx.*

Aquele amor que eu supunha  
Encontrar na paixão, quem diria  
Está lá nos tais manuscritos  
Tão econômicos e filosóficos

Os grundrisse anotados a lápis  
No caderno em espiral pautado  
Inseparável dos meus estudos  
Vespertinos, queimando o bestunto  
Antídoto contra a alienação  
O que não evitou o padecimento  
Causado pelo enamoramento pelos  
Rapazes que se davam ares de serem  
Muitos versados no manifesto de 1848  
De fetiche em fetiche, lá bem fundo  
Sempre desconfiei que Marx escrevia  
certo em linhas... da Gazeta renana

♣ Fromm e as fotos de viagem

Para Ricardo Piglia

Li nos diários de Emílio Renzi  
Que um fotógrafo portenho  
Num portentoso experimento  
Alcançou o intento de recriar  
Por inteiro uma cidade, os seus  
Habitantes, baldios, becos, ruelas  
Que espanto! os sentimentos perdidos  
achados e vividos em cada esquina.  
Um invento sinóptico, só ele capaz  
De confrontar todo fragmento mínimo  
De vidas que se mostram mais fugazes.  
Quando moças e rapazes supõem

Eternizar pela imagem aquilo que  
Acabam não vivendo e optam por  
Tê-lo em pixels: como são limitados  
Todos os remédios dos humanos para,  
Em vão, reter o que poderia ser eterno

☀ Odisseu

*“existe una especie de «conciencia de salud», de olfato  
para lo que está bien, y cuando el hombre oye  
esta voz íntima, no está prestando oído  
a la voz de una autoridad extraña”.*

Há como se defender dos Polifemos  
Seres de existência irreal ou nem  
Tanto, que nos surpreendem com  
Seu canto de sereia. Emprestamos  
Nossos ouvidos a eles quando um  
Só sentido bastaria: o olfato, o faro  
Que confere o que cheira bem, vivo  
Amiúde. Dele depende o gosto que  
Saboreia a vida na plenitude da saúde

▼ Somos eu e meus delitos

*“Pero justamente cuando uno conoce y reconoce que  
La realidad del hombre encierra dentro de sí  
tanto lo mejor como lo peor,  
se está volviendo hombre”*

Somos eu e meus delitos

Delírios, desatinos, a arte  
Que me cabe um arrepio  
de desprezo, a pior parte  
Imprecando contra todos  
Uma seita de divisões e  
Cumplicidades, defeitos,  
inimizades, puro azedume  
Se admito tal plêiade o que  
tenho? Ciência da minha  
Metade, ou não obedece a  
proporções? Nas minhas ações,  
me empenho na tresloucada  
Esperança, em algum dom  
em que o melhor não seja de  
qualquer modo, inimigo do bom

♣ As boas obras

*“Lo que habla por él son sus conductas, no  
sus palabras por sí solas”.*

Quando as palavras dos meus  
versos transformarem-se em ação  
No momento exato que o estro  
Atingir-me o coração, lavradas  
A lerias com minhas próprias mãos  
Sem a mais remota hesitação  
Declararei, altiva, que, se não cumpri  
A missão, talvez sejam promissores  
Os recomeços: nutridos em feitos

♣ Agressão

O homem das casernas  
Posterior ao das cavernas  
Com seu DNA peculiar  
Atravessa todas as eras

Mas erra quem pensa  
Em destino inescapável  
Que o pendor à guerra  
É inato, energia acumulada

Da pior espécie. Nada!  
Natural mesmo é a fome  
O resto é o querer do homem

∞ O erro de Thomas Hobbes

*“não é lobo o homem para o homem, senão homem”*

(Francisco de Vitória; Burgos, 1483- Salamanca, 1546)

O lobo do homem  
O outro à espreita  
Uma presa à vista?  
São dóceis os cães  
os *lupus* saciados  
Insistem na comparação  
Má fé, desavisados  
É humana a agressão  
Instintivo, nem o agravo

◆ As mulheres lutam

As mulheres lutam  
Os homens guerreiam  
As fêmeas da espécie  
Oram. Os machos  
Pregam em templos  
Sacramentam, hieráticos  
Seus ordálios cismáticos

✿ Depois da catástrofe

*“los hombres deberían ver, antes de que ocurra la catástrofe,  
si son sádicos o no sádicos quienes aspiran  
a conducir su destino político”*

Antes da catástrofe  
Ante à catástrofe  
A nossa mais perfeita  
Tradução: diga-me com  
Quem andas que soletrarei  
Entredentes, quem és  
Amante da ordem, da paz  
Do cotidiano milimétrico  
Dos objetos simétricos  
Da obediência canina  
Que viu estampado no  
Cartaz, sobre a guerrilha  
Do Araguaia e assentiu:  
“quem gosta de osso é

cachorro” e não os familiares  
que querem, dilacerados,  
ontem e hoje, assombrados,  
enterrar os seus mortos

‡ Calígulas

*“todos los Calígulas están cortados por el mismo molde:  
viven una sensación de ilimitado poderio”*

É louco, mas não rasga dinheiro  
Aliás, sua mais franca demência  
Sustenta-a o capital financeiro  
As armas, a tortura sem clemência

O vertiginoso jogo da bolsa de valores  
A Avenida Faria Lima é sua espinha dorsal  
Os monopólios midiáticos, uns primores  
Nunca o abandonam: o acham “natural”

Impérios mais ou menos decadentes  
Os valentes, o submundo da nação  
Inclementes adornam com vistosas  
Medalhas o peito do reles capitão